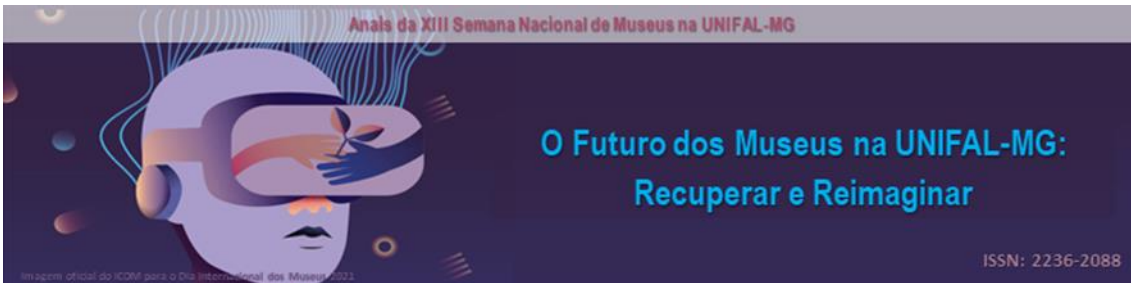


Anais da XIII Semana Nacional de Museus na UNIFAL-MG



**O Futuro dos Museus
na UNIFAL-MG:
Recuperar e
Reimaginar**

ISSN 2236-2088



ORGANIZAÇÃO



Museu da Memória e Patrimônio
da Universidade Federal de Alfenas



PROMOÇÃO





ORGANIZAÇÃO

Coordenação:

Luciana Menezes de Carvalho
Andréa Mollica do Amarante Paffaro

Apoio à coordenação:

Daniela Silva de Freitas
Juliana Pimenta Attie
Maria de los Angeles de Castro Ballesteros
Ronan Lázaro Gondim
Vinícius Xavier da Silva

Comissão Avaliadora dos anais da XIII Semana Nacional de Museus na UNIFAL-MG:

Anderson Marques Garcia
Danilo Eiji Lopes
Fernanda Magalhães Pinto
Silvilene de Barros Ribeiro Morais

Arte gráfica do CD-ROM:

Luciana Menezes de Carvalho

Diagramação:

Leonardo Uêda da Mata
Luciana Menezes de Carvalho



Comissão de gerenciamento:

Jaíne Diniz Corrêa

Jocerléia Aparecida Mendes

Leonardo Uêda da Mata

Saulo Ruan de Andrade

Local (do evento):

Universidade Federal de Alfenas

Sala virtual: <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/museu-unifal-mg>

Transmissão: Canal do YouTube da UNIFAL-MG



MUSEUS E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE INCERTEZA E DISTOPIA: SONHOS E AFETOS PARA PERMANECER DE PORTAS ABERTAS

Saulo Moreno Rocha¹

Resumo: A partir de memórias, pessoas, marcos políticos e conceituais, este artigo apresenta algumas ideias e reflexões acerca das relações entre museus e educação em tempos de incerteza e distopia, conforme compreendemos e definimos o contexto contemporâneo, marcado pela intersecção de inúmeras crises e por um quadro pandêmico. São abordados os processos de reconhecimento da função educacional dos/nos museus, demonstrando o caráter precário e provisório de tais processos, portanto, que demandam permanente mobilização, reflexão e ação do campo museal. Além disso, apresenta a importância de uma integração transversal, multidimensional e intersectorial da educação nos museus e processos museais, especialmente nas esferas de planejamento e gestão, para os movimentos de reimaginar os museus e suas potências. Por fim, apresenta considerações sobre a importância dos sonhos e dos afetos para permanecer de portas abertas à inovação e às urgentes necessidades de transformação, interna e externamente aos museus.

Palavras-chave: Museu; Educação; Museologia; Educação Museal; Patrimônio.

Abstract: *Based on memories, people, political and conceptual frameworks, this article presents some ideas and reflections about the relationship between museums and education in times of uncertainty and dystopia, as we understand and define the contemporary context, marked by the intersection of countless crises and a pandemic situation. The processes of recognition of the educational function of / in museums are approached, demonstrating the precarious and temporary nature of such processes, which therefore demand permanent mobilization, reflection and action from the museal field. In addition, it presents the importance of a transversal, multidimensional and intersectoral integration of education in museums and museum processes, especially in the spheres of planning and management, for the movements to reimagine museums and their powers. Finally, it presents considerations about the importance of dreams and affections to remain open to innovation and the urgent needs for transformation, both internally and externally to museums.*

Keywords: *Museum; Education; Museology; Museum Education; Heritage.*

¹ Museu de Arte da UFC – Mauc.



1. Janelas, portas, abraços: sobre afetos, museus e patrimônios.

Em meados de janeiro de 2011, ao passar pela Rua João Pessoa, na minha cidade natal, Vitória da Conquista – BA presenciei uma cena que me sensibilizou: a destruição de um casarão erguido no início do Século XX e que estava a ser liquidado pelos interesses imobiliários e pela inanição estatal local em constituir e executar uma política de memória e patrimônio. Àquela altura, eu com 17 anos, sentia que precisava me posicionar, de falar, de expressar alguma indignação, pois já vinha há alguns anos me empenhado na militância pela preservação do patrimônio. Aquela casa, que fora habitada por um professor e uma professora, o casal Hoffman, detonou em mim vários níveis de experiência e reflexão sobre a cidade, temporalidades e afetos.

Na minha infância sem museus, fui nutrido pelas próprias musas e encantados, que no sertão de minha existência, no povoado de Lindo Horizonte, município de Anagé – BA, se manifestavam em diferentes estilhaços de nossa vivência cotidiana: nos reisados, nas rezas e latumias, nos causos e nos casarões catingueiros, nos vestígios arqueológicos que encontrava aqui e ali e que tanto impacto causavam em minha imaginação infantil. As musas também habitavam e se manifestavam no Centro Educacional Joaquim Teotônio de Souza, a única escola do lugar, onde cursei todo o ensino básico. Ali, na biblioteca, nas gincanas, nos fluxos cotidianos da convivência, descobri mundos e expandi minhas experiências.

Início esta minha escrita por um recorte de memória e sobre uma destruição – a derrubada do casarão – não para reafirmar uma “retórica da perda”² com relação ao patrimônio. Pelo contrário. Antes de tudo, quero recuperar uma imagem que me marcou e me mobilizou na escrita de um pequeno texto-desabafo: *As janelas insistem em se movimentar*. Divulgado no blog da Ong Carreiro de Tropa – Catrop³, registrei ali aquela cena, do desmonte da casa e dos movimentos de vaivém das suas janelas, por muitos dias, enquanto o imóvel da antiga Rua da Boiada era posto abaixo. Aqui as ideias de movimento, insistência e janela podem servir bem ao propósito deste texto: apresentar uma breve

² “Retórica da perda” é uma categoria analítica desenvolvida pelo antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves para compreender e caracterizar os diferentes discursos acerca do patrimônio cultural no Brasil. Cf. GONÇALVES, 1996.

³ Organização Não-Governamental criada em Vitória da Conquista em 2007 e que atua na pesquisa, identificação e preservação do patrimônio cultural do tropeirismo na região sudoeste da Bahia, sendo reconhecida como Ponto de Memória pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Para mais informações: <https://carreirodetropa.wordpress.com/> Acesso em 20 de abril de 2021.



reflexão sobre museus e educação em tempos de incerteza e distopia⁴. A imagem caótica de uma demolição em processo mobilizou em mim não só expectativas, mas também afetos e produziu afetações múltiplas.

Qual o poder que reside nessas portas e janelas, reais e metafóricas, que insistentemente se movimentam e que não cessam de nos mobilizar? O que representam portas e janelas, e também casas, em tempos de pandemia de Covid-19, de tantas incertezas e dores? Como pensar educação e museu a partir de tais imagens e artefatos? De partida, uma constatação: casas, portas, janelas, chaves e demolições povoam a nossa cotidianidade, mas também os domínios patrimonial e museal (CHAGAS, 2003). Não poucas vezes, são acionadas em textos reflexivos, em programas e projetos educativos, em exposições e publicações, enfim, são presenças constantes, mesmo aquelas desaparecidas ou esquecidas.

As portas abertas, com efeito, aparecem no título sugestivo de um programa educativo inovador e longo, desenvolvido na Amazônia brasileira, mais precisamente em Belém do Pará, pelo Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi. A sua idealizadora e gestora, a educadora Helena Alves Quadros, nos deixou recentemente, mais uma vítima da Covid-19 e da incúria governamental que produz um país à deriva. Tinha me proposto a iniciar a redação deste texto justamente no dia de sua partida e, ainda tomado pela emoção da dor da despedida tão sentida, rascunhei as primeiras ideias para esta apresentação. Lembrar de Helena é também recordar do seu labor, da sua dedicação imensa à Museologia Social e à Educação Museal, de uma mulher-acontecimento que marcava e contagiava a todos com a sua energia vibrante e abraçadora. Este texto é uma homenagem a ela que, através de sua vida luminosa, nos apontou tantos caminhos para pensar e fazer museus no Brasil, marcando sempre as nossas relações e encontros com sua alegria, abraços, risadas e afetos⁵.

⁴ Utilizo a ideia de *distopia* aqui para me referir ao momento caótico e dramático que atravessamos, em escala planetária, mas olhando principalmente para a realidade brasileira, marcada por uma pandemia que já ceifou quase 400 mil vidas, sob o desgoverno de uma presidência que colabora sistematicamente para o fortalecimento de uma política genocida e que flerta recorrentemente com o autoritarismo e inúmeras práticas de opressão. Contudo, repensar a ideia de *utopia* é também fundamental em cenários como o que vivemos no presente. Por isso, ideias, pessoas e movimentos são tidos aqui como possibilidades de superação e de transformação do quadro atual, como mobilizadoras de sonhos e desejos de um devir fraterno e solidário.

⁵ O projeto "O Museu Goeldi de Portas Abertas" foi analisado meticulosamente por Helena em sua tese de doutorado, defendida na Universidade Federal do Pará, em 2019, com o título "A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas".



Ainda no terreno das afetividades, meu ser-tão interior ficou triste e empobrecido com a partida, também recente, do querido amigo Gilmar de Carvalho. Ele, que tão bem traduziu os saberes e alegrias das gentes sertanejas em seus escritos e pesquisas, agora está no outro plano, quem sabe a prosear com Patativa do Assaré, olhando por nós e pelo Museu de Arte da UFC (Mauc), casa que tanto amava e que a ela tanta dedicação empenhou. Ao chegar à Fortaleza e ao conhecê-lo, não pude deixar de lembrar dos mestres de minha infância e das musas que bailavam nas suas histórias, causos e cantorias. Gilmar era também mestre, mediador entre mundos, com a ternura e a generosidade de todos os sábios(as). A sua maestria residia justamente numa escuta ética, apaixonada e dedicada às vozes de um Brasil profundo, com um olhar generoso e comprometido com a “cultura das bordas” (FERREIRA, 2010), que desafiam fronteiras entre o erudito e o popular e tantas outras dicotomias clássicas. Ele dedicou tanto de sua vida às tradições, encantos e criações populares que foi imediata a minha identificação com a sua obra, pois falava também sobre mim. O autor de *Os percursos da criação popular* (1995), artigo seminal sobre a história da xilogravura de extração popular, nos presenteou com tanto que é impossível expor em palavras o quão grandioso é o seu legado às culturas brasileiras. Na mesma toada, registro minha homenagem ao primo Mané Rico, ao amigo Crésio Lima e ao tropeiro Raimundo Barreto, pessoas com quem tanto aprendi e me reconheci nas rotas do tropeirismo.

Helena, Gilmar, Mané, Crésio, Raimundinho são centelhas riosas na minha existência, pessoas-patrimônios que eu tive o prazer de conhecer e de conviver nas minhas andanças e vivências. Com eles e ela, ou por eles e ela, é que sigo acreditando, sonhando e fazendo. São inspirações, faróis que nos “alumiam” em tempos de tantas tormentas e incertezas. Portanto, apesar de terem partido, permanecem em mim, em nós e em tantas pessoas que marcaram, de diferentes modos, inclusive nas futuras gerações, que terão acesso não somente às suas obras, mas que se beneficiarão dos seus legados.

A partir das poéticas, dos afetos e dos sonhos é que pretendo neste texto apresentar singelas reflexões sobre museus e educação em tempos de incertezas e distopias. As imagens, as pessoas e as memórias serão também guias ou marcadores que me ajudarão a compor um quadro de questões, debates e desafios que atravessam e nos mobilizam no campo museal e além. Aqui, aproveito para reafirmar uma lição valiosa da educadora-museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos, quando diz que é



[...] somente no processo de ação-reflexão [que] conseguiremos avançar e ampliar as dimensões de valor e de sentido das práticas educativas e museais. O conhecimento, agora, é construído, enriquecido, compartilhado em relação, na dinâmica da vida e pela vida, impregnado de desejos, sonhos, afetos e amorosidade, portando, de objetividade e subjetividade. (SANTOS, 2019, p. 21, interpolação minha)

2. Museu, museologia e educação museal: breves recapitulações

Abordar as relações entre museus e educação nos permite um amplo escopo de diálogos e interlocuções, numa interface em plena expansão e ebulição, congregando diferentes olhares disciplinares e fomentando construções multi e transdisciplinares. As contribuições oriundas de profissionais atuantes em diferentes modelos conceituais de museu e recortes temáticos específicos tem consolidado a Educação Museal ou Educação em Museus, evidenciando aproximações e tensionamentos que tem enriquecido a Museologia, a Pedagogia e outros campos. Portanto, estamos em um terreno de múltiplas teorias, metodologias, práticas e conhecimentos hibridizados e construídos nas dinâmicas do saber-fazer museológico em permanente diálogo com a sociedade, em sua diversidade.

Conforme argumentam Andrea Costa, Fernanda Castro e Ozias Soares (2020), é possível compreender e estudar a história da Educação Museal no Brasil a partir de três aspectos: o prático, o teórico e o político. O tripé permite analisar uma trajetória construída de “forma não linear, com avanços e retrocessos, com características distintivas de algumas fases” (p. 25) na experiência de mais de 200 anos de museus no país. A abordagem das autoras não está focada em uma narrativa evolutiva, mas em perceber um “triplo caráter” que permeia a história desse campo.

Cumprе salientar que, historicamente, museus e educação teceram diferentes tipos de relações e vínculos, bem demonstrada por uma farta literatura existente, no Brasil e no exterior. Tais relações e vínculos ora estiveram nítidas e explicitadas em discursos e práticas institucionais e, noutros momentos e contextos, ocultadas e secundarizadas. A identificação e o reconhecimento da “função educativa dos museus” foi, portanto, um processo lento, gradual e em permanente afirmação, visto que envolvem disputas, negociações, institucionalizações e poderes⁶.

⁶ Para o debate sobre dimensões e função educativa, ver PEREIRA, 2010. Para uma história da educação museal e das políticas museais, ver o Caderno da PNEM.



A educação nos museus pode servir a muitos fins e objetivos, pois guarda profunda relação com os horizontes políticos e epistemológicos dessas instituições e seus agentes sociais. Assim, a Museologia e a Educação Museal são campos atravessados por quadros teórico e metodológico diversos e plurais, oriundos de diferentes campos e profissionais, que vão conformando especificidades e atravessamentos. Os encontros e desencontros entre educação e museu articulam-se em múltiplos níveis e variáveis: tempo-espaciais, ético-profissionais, político-patrimoniais/museais, epistemológicos, dentre outros possíveis. Cumpre salientar que, assim como Santos (2019, p. 8-9), acreditamos que

[...] a nossa prosa/conversa sobre a relação museu-educação passa pela compreensão de que essa relação não acontece em um campo neutro, ao contrário, sempre estaremos envolvidos em campos de batalhas e disputas que envolvem aspectos ideológicos. Tanto nos museus como nas escolas, diferentes atores sociais possuem projetos que envolvem e revelam valores, princípios, conceitos e preconceitos.

A autora evidencia outra relação seminal, entre educação e escolas. E, aqui também podemos indicar as relação museu-escola. O debate é extenso e não seria possível em um espaço tão curto como o deste texto. Mas, cumpre ressaltar que assim como nas interfaces museu/educação, a relação com o universo escolar permeia de inúmeros modos a forma como a função educativa dos museus vem sendo construída e afirmada.

Com efeito, no contemporâneo, é ainda mais significativo assumir e refletir sobre o caráter político, em sentido amplo, do conhecimento, da educação e dos museus. Assumir essas facetas significa questionar posturas naturalizadoras e que não percebiam que, como terreno de disputas, o museu também é fértil em controvérsias, irrupções e transgressões, mas também tentativas múltiplas de domesticação, pacificação e romantização. São todas possibilidades que habitam as inúmeras potências do Museu, seja visto como instituição, instrumento, função, ferramenta, lugar, território ou fenômeno (DÉSVALEES e MAIRESSE, 2014, p. 64-67).

No percurso de constituição e consolidação dos museus, diferentes funções foram sendo incorporadas ao universo de sua atuação, dentre as quais, a educativa. Contudo, tais funções variaram em termos de prioridade e de investimentos a depender do contexto social, político, econômico e cultural em que cada instituição brotou e existiu. Assim, assumir a função educativa dos museus como uma de suas principais funções não foi processo



simples e tranquilo, inclusive no presente, como veremos adiante⁷. É muito conhecido o modelo clássico que situa as funções museais em um tripé: pesquisa, preservação e comunicação, apresentado por autores europeus, também conhecido como PPC (MENSCH, 1992). Contudo, ao longo da história dos museus e da museologia, essas funções foram articuladas e integradas às prioridades museológicas de distintas formas que, certamente, nos informam e ajudam a compreender como cada museu se relaciona com a sociedade e com a sua missão junto aos públicos e não-públicos.

Sobre a dimensão educativa dos museus, cabe sinalizar o que diz Mário Chagas, ao afirmar que:

Constituídos na modernidade, como parte de um projeto civilizador, os museus desde o início incorporavam uma dimensão educacional. Assim, é importante sublinhar que essa dimensão educacional não foi uma invenção do século XX. Ao contrário, ela esteve presente na gênese dos museus: fazia parte dos projetos políticos dos museus sua atuação como instituições disciplinares, educadoras e formadoras. (CHAGAS, 2010, p. 29)

Se uma dimensão educacional esteve presente desde a gênese dos museus, certamente, é a partir do século XIX que essa dimensão ou várias dimensões, como situa Pereira (2010), passa a ser vista também como uma função, merecedora de institucionalização. No Brasil, a criação da Seção de Assistência ao Ensino de História Natural (SAE) do Museu Nacional, em 1927, é um marco na história da Educação Museal, por ser o primeiro setor educativo instituído no país.

Destarte, a relação museu/educação vem sofrendo inúmeras flutuações, tensões e transformações. A crítica aos museus, especialmente a partir dos anos 1960, produziram efeitos importantes na mudança de foco, tanto nas instituições, como na Museologia. A crítica à fixação nas coleções e ao hermetismo institucional produziram novos modelos de museus e mesmo mudanças importantes nos ditos tradicionais ou clássicos. Para a questão educativa, cumpre destacar a importância do Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus, realizado no Rio de Janeiro em 1958; da Mesa Redonda de Santiago do Chile, de 1972; e a criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), que exerceu impacto importante na constituição de novas vertentes reflexivas e nas práticas sociais de memória, museologia e patrimônio.

⁷ A museóloga e educadora Marcele Regina Nogueira Pereira destaca que “[...] os museus possuem mais de uma dimensão educacional e elas podem ser identificadas de acordo com o momento histórico analisado. Já a função educativa do museu surge a partir da necessidade de uma institucionalização das práticas educativas realizadas.” (2010, p. 19). A mesma autora identifica cinco dimensões, que variaram de acordo com o momento histórico e o contexto: contemplativa, cívica, democrática, escolar e socioeducativa.



No Brasil, a movimentação que já se adensava no ocaso da ditadura civil-militar, com a redemocratização, assume novos contornos com o lançamento da Política Nacional de Museus (PNM), em 2003, marco imprescindível na história das políticas públicas sistemáticas para o campo museal brasileiro que produziu importantes desdobramentos para as relações que temos discutido. Estruturada em sete eixos, são derivados da política a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), a instituição do Estatuto de Museus (Lei 11.904/2009), o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), articulado ao Plano Nacional de Cultura, de 2010 e, mais recentemente, a Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Todos os marcos elencados são produtos e processos de muitas lutas, persistências e reivindicações sistemáticas do campo museal brasileiro a favor de uma política museológica direcionada à dignidade humana e à democratização da memória, do patrimônio e dos museus.

A PNEM, construída a partir de um longo processo, participativo e colaborativo, alçou a Educação Museal a pauta imprescindível aos museus brasileiros. Publicada em 2017, segue em processo de implantação, com muita persistência de educadores(as) comprometidas com a formação integral de cidadãos e cidadãs a partir de um “[...] processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade”, definição de Educação Museal no escopo da Portaria IBRAM nº 422/2017, que instituiu a PNEM.

3. Reconhecimento da função educativa dos museus: sobre processos de institucionalização e gestão

Já tratamos anteriormente do processo de institucionalização da função educativa dos museus, que tem como marca a criação de uma esfera de reconhecimento do papel da educação nos museus e, mais que isso, da equiparação com outros setores e funções, uma pauta histórica presente no Princípio III da PNEM. Assim, a institucionalização da função educativa perpassa também a valorização das(os) profissionais qualificados ao exercício do fazer educativo museal, em sintonia com a missão institucional e a definição de um Programa Educativo Cultural (PEC), que explicita as diretrizes teóricas, práticas e operacionais para o bom desempenho das atividades.

Ao refletir sobre a institucionalização, o reconhecimento e a valorização da função educativa dos museus, é imprescindível recuperarmos também o próprio processo de



planejamento de instituições museais e a relevância da construção e execução do Plano Museológico (PM), diretriz prevista para todos os museus brasileiros a partir do Estatuto de Museus. O PM é um instrumento de planejamento global e integrador, constituído de programas e projetos que consubstanciam a atuação do museu junto à sociedade, conforme definição do Estatuto de Museus. Além de seu aspecto técnico e operacional, deve ser antes de tudo construído a partir de uma metodologia ativa e participativa, envolvendo todos os setores do museu e, também, agentes sociais diversos, os públicos, não públicos e toda a gama possível de colaboradores(as) que possam participar da construção institucional.

Na elaboração de planos museológicos devem ser considerados diagnósticos e mapeamentos, levantamentos e, principalmente, uma escuta sensível das instituições aos anseios da sociedade à qual o museu deve servir e por quem existe. Nesse sentido, é fundamental que as diferentes funções museais sejam articuladas solidariamente, sem hierarquias e reconhecendo que constituem diferentes faces de uma mesma estrutura que deve se articular com vistas ao cumprimento da função social e da missão institucional dos museus. Infelizmente, ainda impera em nossas instituições marcadores de distinção que situam diferentes posições e subalternizações que impedem voz ativa a todas e todos, especialmente nas instâncias decisórias. Precisamos, como pontua Santos (2019, p. 19), reconhecer os museus como “sistemas orgânicos”, que rompem com o autoritarismo e a colonialidade.

Em diferentes contextos em que atuei, percebi na cotidianidade museal o que expressa tão bem a autora na sua crítica às hierarquias e subalternizações vivenciadas no interior das instituições. Setores incomunicáveis, museus que não constroem espaços de escuta, que não desenvolvem mecanismos de governança e participação, enfim, estruturas que reproduzem lógicas da especialização do saber e, antes de tudo, operam por exclusão e não por integração. A Museologia contemporânea que não reconhecer a importância da mediação entre saberes e diferentes campos do conhecimento estará certamente fadada ao fracasso, pois o museu é, por excelência, terreno da multiplicidade e da negociação de diferentes valores, saberes, conhecimentos, profissionais, agentes e agências.

Portanto, nos processos de gestão e planejamento, um dos nossos maiores desafios reside na superação dos saberes especializados e nas linguagens herméticas e tecnicistas, rumo a uma integração com diferentes e diversas epistemologias e fazeres ou na construção daquilo que Boaventura de Sousa Santos denominou de uma “ecologia de saberes”, que supere a “monocultura da mente” (SHIVA, 2003 apud ALMEIDA, 2012, p. 16)



e abra caminhos para uma “ciência da inteireza”, como propõe a educadora e antropóloga Maria da Conceição de Almeida, quem sabe anunciando também um museu da inteireza, que integre sujeito, matéria, pensamento, subjetividades e afetos.

Assim, compreender os processos de planejamento museológico como processos educativos, como propõe Santos (2019, p. 17), desloca a ênfase absoluta na técnica e expõe o cariz pedagógico e potente dos museus de atuarem como instâncias relacionais e de proposição de novas possibilidades para os fazeres museais. Com isso, tanto na elaboração dos Planos Museológicos como nos Programas Educativo Culturais, creio que seja vital o delineamento de percursos e metodologias que impliquem sujeitos e sociedade nos processos museais, para quem sabe assim acolher outras epistemologias e olhares que potencializarão as nossas instituições, quem sabe anunciando e realizando uma “práxis multidimensional e pluriparticipativa”, como quer Santos (p. 10).

4. O presente e o futuro: sobre incertezas e persistências

O que será do futuro? Qual futuro queremos, sonhamos e qual teremos? O devir, como sempre, é uma incógnita. As noções de tempo, que não são universais, mais do que nunca estão embaralhadas em um jogo complexo de emergências e refigurações que ora nos fazem acreditar que estamos vivendo realmente coisas absolutamente novas, porém, noutras circunstâncias, no mesmo presente, confrontam-nos com coisas que pensávamos superadas, mas que teimam em ressurgir. (SIQUEIRA et al, 2020, p. 153)

O texto em epígrafe integra um artigo que escrevi com colegas com quem compartilho o mesmo terreno institucional, o Mauc/UFC. Ali, apresentamos pequenos recortes do trabalho do museu em tempos pandêmicos. Penso que o presente e o futuro, mais do que nunca, são temas cotidianos e permanentes de muitas de nossas reflexões. Somos atravessados por uma avalanche de informações, de notícias devastadoras e também por dúvidas, muitas dúvidas. No campo museal, como de resto em toda a sociedade, fomos surpreendidos por uma pandemia com proporções inéditas para nossa geração e também para muitas outras que nos antecederam. Mais do que nunca, (re)existimos em um momento de muitas incertezas, desilusões e lutas. Lutas pela vida, pela possibilidade de voltar a sonhar, por museus que não neguem os compromissos fundamentais assumidos com a vida e com a sociedade. Vivemos também imersos nas inúmeras contradições e irrupções que marcam o contemporâneo.



Um dos efeitos imediatos da pandemia foi o estabelecimento de medidas de isolamento social, ação tão questionada como controversa na sociedade brasileira. Os museus, assim como muitas outras instituições, fecharam as suas portas, como medida para evitar a transmissibilidade do vírus. Nesse processo, muitas instituições migraram as suas ações inteiramente para o mundo digital, construindo propostas diversas que iam das exposições às ações educativas⁸. A par do movimento hercúleo e complexo de reinvenção, também fomos surpreendidos pelas inúmeras notícias de desmontes institucionais, de demissão de profissionais, notadamente de educadoras e educadores museais. Aconteceu mesmo de museus demitirem setores educativos inteiros, desarticulando, portanto, completamente tais instâncias⁹.

Por outro lado, um fato acontecido no ano anterior, em 2019, pode nos ajudar a compreender como operam os mundos dos museus e dos seus profissionais que ainda não reconhecem na educação uma das principais vias para a existência dos museus. Durante a Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus, em 2019, em Kyoto, no Japão, foi apresentada à comunidade internacional de profissionais de museus a nova proposta de definição de museu. Construída após anos de estudos, debates e algumas consultas, a nova definição foi unânime em desagradar. Mas, além das inúmeras críticas e considerações acerca do fato, cabe reter que a proposta excluía a palavra “educação”, portanto, optando por outros termos e conceitos.

⁸ A digitalização da vida que passamos na pandemia terá implicações sérias e sobre as quais ainda pouco podemos avaliar. A partir dos museus, os desafios para essa atuação foram imensos. O desmonte de políticas públicas e a museodesigualdade (SIQUEIRA et al, 2020) no campo museal ficou ainda mais latente no período pandêmico. A ausência de recursos e acesso aos meios tecnológicos, a formação insuficiente ou ausente, a sobrecarga de trabalho e de atribuições, certamente operaram como fatores que impactaram as atividades. Apesar disso, antes de tecer críticas, gostaria de destacar os quão corajosos(as) foram as equipes dos museus em repensar novas formas de vínculos com a sociedade, apesar das inúmeras dificuldades. Ainda nesse sentido, cabe sublinhar as inúmeras iniciativas desenvolvidas por museus comunitários e sociais que nos ensinaram muitas lições de cuidado e mobilização junto às suas comunidades. Certamente, os museus tradicionais ainda têm muito o que aprender com as iniciativas comunitárias de Museologia Social. Para uma reflexão sobre Educação Museal Online e Cibercultura, e dos desafios dos museus nesse cenário, o artigo de Frieda Marti e Andrea Costa apresenta interessantes reflexões (MARTI & COSTA, 2020).

⁹ Ainda no início da pandemia no Brasil, em meados de março/abril, notícias sobre a demissão de equipes Educativas começaram a ser divulgadas nas redes sociais. As primeiras demissões ocorreram nos Estados Unidos e em países europeus e alcançaram o nosso país, gerando uma intensa mobilização de educadores(as), especialmente a partir das Redes de Educadores em Museus (REMs) em articulação com o Comitê Brasileiro de Ação Educativa e Cultural do ICOM, o CECA-BR. Para mais informações sobre esse momento e do que vem sendo feito, acessar a “Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da Pandemia de Covid-19 na educação museal no Brasil”, disponível em: http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf Acesso em 25 set. 2020.



Tal situação ensejou inúmeras reações. Certamente, cabe considerar que a palavra educação encerra em si inúmeras possibilidades semânticas, talvez impossíveis de mapear inteiramente. Contudo, para além das idiossincrasias nacionais e da forma como o termo-conceito educação é aplicado em diferentes realidades, a sua ausência da nova definição de museu representa um retrocesso, um perigo, visto que, durante séculos, da dimensão à função educativa, foi longa e árdua a consolidação da importância de os museus assumirem a educação como sua função e, como a pandemia comprovou, nada está dado e consolidado. Pelo contrário, como dissemos anteriormente, ainda estamos imersos em inúmeros embates e combates, especialmente àqueles e àquelas que atuam com a Educação Museal ou em Museus.

No texto *In Defense of Museum Education*, a educadora Milene Chiovatto (2020), expõe com clarividência e consistência inúmeros argumentos acerca da importância e da relevância da função educativa dos museus. Além disso, denuncia e provoca o pensamento domesticado e colonial que, sob argumentos e subterfúgios, desenlaçam museu e educação. Articulando os museus e educação em perspectiva diacrônica e sincrônica, a autora evidencia as armadilhas terminológicas e as hierarquias organizacionais que ainda mantêm uma institucionalidade assimétrica e, na qual, o trabalho educativo é desvalorizado, precarizado e, no contexto pandêmico, até mesmo eliminado, visto as inúmeras demissões e extinção de programas e projetos¹⁰.

Além disso, Chiovatto apresenta um cenário museal contemporâneo ainda permeado por privilégios de raça, classe, gênero, sexualidade e, portanto, demonstra que ainda avançamos pouco na pauta da de(s)colonização dos museus. Se os movimentos dos anos 1960 alcançaram a década de 1980 com a emergência de uma Nova Museologia, em grande parte, ainda vemos que inúmeras pautas, problemas, questões e desafios ainda são presentes e, portanto, exigem de nós mobilização e ação-reflexão contínuas. O presente está prenhe de passado e a construção do futuro espera de nós esforços continuados para desconstrução e reconstrução de novas formas de fazer e viver museus, bem como renovados compromissos políticos e sociais.

¹⁰ Nessa perspectiva, cabe recuperar e indicar outro debate muito importante realizado em artigo pelo Coletivo 4 + 1, formado por Anatacha Lochi (Educadora e Artista); Chimenia Sczesny (Educadora e artista); Danielle Brandão (Museóloga e arte educadora); Teitiane Oliveira (Educadora); Vinícius José (Arte educador). O texto intitulado "Uberização museal: uma etapa antecessora da extinção laboral?" apresenta uma reflexão densa sobre o cenário de precarização, retirada de direitos sociais e de desafios à atuação profissional dos(as) educadoras(es) museais.



Entretanto, se por um lado a polêmica sobre a nova definição expôs as fragilidades do reconhecimento da função educacional nos museus, por outro, tem oportunizado importantes possibilidades de reafirmar tal aspecto, caracterizando-o com mais vigor e, com efeito, transformando o debate sobre a nova definição de museu em um processo pedagógico de educar o próprio museu para a educação. Na verdade, esse é um papel constante que assumimos, não só na nossa atuação cotidiana, mas também nas inúmeras trincheiras associativas e acadêmicas e em diversos âmbitos da sociedade. Creio que aí está mais um compromisso da Museologia e da Educação Museal.

5. Para seguir de portas e janelas abertas: reimaginar e “afetuar”

Ao abrir esta reflexão, falei de destruição, de portas, de janelas, de patrimônio e afeto. Para concluí-lo, acho fundamental retomar esses fios. Ao exercitar uma “ciência da inteireza”, conforme preconiza Almeida (op. cit.), reconhecemos e aceitamos que somos parte indissociável das nossas escritas, pesquisas e narrativas. Nesse sentido, o exercício de redigir este texto foi também um exercício de olhar diariamente para a janela do meu lar e tentar nela vislumbrar outros cenários para a nossa existência. A bem dizer, olhar para a janela tem sido constante nessa pandemia, pois, em casa, entre um afazer e outro, é pela janela e das grades que entram as faíscas luminosas que me fazem seguir acreditando e (re)existindo nesse exercício diário de luta e luto que estamos vivenciando.

Penso que praticar a inteireza seja uma tarefa inadiável, pois é preciso mais e mais implicar os nossos saberes e fazeres nas dinâmicas transformativas da vida, naquelas transformações que precisamos, que necessitamos, que são urgentes e inadiáveis. Os museus, enquanto instâncias sociais, também precisam exercitar a inteireza, sem medo de aceitar as suas limitações, contradições, desajustes e problemas. Identificar as matrizes perniciosas do hermetismo que nos assola é um passo fundamental para construirmos, coletivamente, novas e renovadas estratégias de diálogo, participação e envolvimento. Nesse sentido, todo esse contexto tem me ensinado muito, em aprendizados e partilhas com colegas, com o Núcleo Educativo do Mauc e tantos espaços de atuação/reflexão.

Tais mudanças e reconfigurações não são fáceis, especialmente em se tratando de estruturas e pensamentos consolidados e, quase sempre, pouco porosas, em muitas realidades. Nas nossas atuações profissionais, na nossa existência em coletividade, é possível iniciarmos movimentos de metamorfose. O que bem a pandemia escancarou é que não existimos fora da sociedade e das interações corpóreas e incorporadas, que nesse



momento nos fazem tanta falta. Sentimos saudades! Desejamos o habitar partilhado, os abraços, as conversas, o olho no olho e o contato próximo, juntinho. Tudo o que temos tido que evitar como medida sanitária contra o vírus invisível que já levou tantas vidas.

É partir da minha escrita implicada e a partir de minha realidade e vivência, em diálogo com inúmeros(as) pensadoras(es) que leio e dialogo, que acredito que: os museus precisam estar de portas abertas ao novo e à novidade, sem perder de vista que a memória é o insumo para a criatividade e a imaginação; que os profissionais de museu devem assumir o seu papel social de colaborar ativamente no enfrentamento às desigualdades, inclusive nas próprias instituições, promovendo as transformações necessárias; que a Educação Museal é um terreno fértil para o exercício criativo de imaginar novos futuros a partir das suas refinadas metodologias e tecnologias de escuta, mediação e construção colaborativa; que devemos utilizar todos os meios possíveis e necessários para fomentar as inúmeras possibilidades de uso da memória e dos patrimônios, aprendendo mais e mais com as iniciativas comunitárias e autogestionadas; que os museus devem assumir um compromisso ético com a educação, por meio da sua inserção transversal, multidimensional e intersetorial nos processos de planejamento e atuação; que é imprescindível fazer museu com os públicos e não para os públicos e, portanto, é necessário construir espaços de escuta, participação e implicação; que a Museologia permaneça em conexão com a Educação e que desse encontro se produzam saberes híbridos, necessários e pertinentes aos desafios do presente, que nos conduzam a uma Educação Museal múltipla, diversa e potente.

Não para encerrar, mas para recomeçar, que sigamos de portas e janelas abertas, acolhedoras às diferenças e à diversidade de saberes, práticas e modos de ser e viver. Que os museus num mundo pandêmico e pós-pandêmicos exercite a autorreflexão constante e que desse processo reflexivo, do qual nós profissionais somos parte ou pelo menos deveríamos ser, reafirme os seus/nossos compromissos com a transformação, com a eliminação das desigualdades e das assimetrias e que sonhos e utopias alimentem as nossas esperanças em dias melhores. Museus e educação são fundamentais à vida e, sem ela, eles também não são nada.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.



CHAGAS, Mário de Souza. **Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder** em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. 307 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, Mário de Souza. Educação em museus: balanços e perspectivas. In: **Anais do I Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010, p. 25–41.

CHIOVATTO, Milene. In defense for Museum Education. **ICOFOM Study Series**, 48 -2, 2020, p. 70-84. Disponível em: <http://journals.openedition.org/iss/2337> Acesso em 27 abril 2021.

COLETIVO 4 + 1. **Uberização Museal: uma etapa antecessora da extinção laboral?** [S. l.], 2020, online. Disponível em: <https://medium.com/@coletivoquatromaisum/lutamos-pela-parceria-entre-todos-os-profissionais-que-comp%C3%B5e-o-corpo-museal-brasileiro-fois-58b071233716> Acesso em 25 abril 2021.

COSTA, Andrea Fernandes; CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias de Jesus. Por uma história da Educação Museal no Brasil. In: CASTRO, Fernanda; COSTA, Andrea Fernandes; SOARES, Ozias de Jesus. (Org.). **Educação Museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020, p. 15-40.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (Ed.). **Conceitos-chave de museologia**. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Florianópolis: FCC, 2014.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das Bordas**. São Paulo: Ateliê, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília/DF: IBRAM, 2018.

MARTI, Frieda; COSTA, Andréa. **Revisitando os Museus na Pandemia: sobre Educação Museal Online e Cibercultura**. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, maio de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1107> >. Acesso em: 23 abril 2021.

MENSCH, Peter Van. **Towards a methodology of museology**. PhD thesis, University of Zagreb, 1992. Disponível em: <http://vana.muuseum.ee/uploads/files/mensch17.html>. Acesso em: 02 de março 2018.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Entre Dimensões e funções educativas: A trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional**. 180 p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

QUADROS, Helena do Socorro Alves. **A epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: Um estudo sobre o Programa “O Museu Goeldi de Portas Abertas”**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museologia, Museu e Educação na Contemporaneidade: conflitos, partilhas, potências e inspirações**. 2019, não publicado.



SIQUEIRA, Graciele Karine; CORREIA, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira; MORENO ROCHA, Saulo. O Museu de Arte da UFC e a sua atuação em tempos pandêmicos: experiências e experimentações em gestão e exposição. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 152-172, nov. 2020.